

1. Cenário Global

O relatório mensal da *Energy Information Administration* (EIA, sigla em inglês) mostrou elevação no nível de atividade produtiva no mês de outubro. A produção mundial atingiu o nível recorde de 100,83 milhões de barris por dia no 3º trimestre. Já a demanda, também atingiu o nível recorde de 100,66 milhões no trimestre, o que não foi suficiente para conter a desvalorização do preço do Brent no mês.

A estimativa da produção média dos EUA, maior produtor de petróleo mundial, está em 10,9 milhões b/d no ano de 2018, enquanto que em 2017 a produção foi de 9,4 milhões de barris por dia. O país norte-americano produziu cerca de 11,3 milhões de barris por dia em agosto de acordo com o último relatório “*Petroleum Supply Monthly*” da EIA. A previsão mostra que a estimativa de produção do país aumentou de 11,8 milhões para 12,1 milhões de barris por dia no próximo ano.

A produção bruta da OPEP aumentou 127 mil barris por dia, para uma média de 32,9 milhões de barris por dia. Os países que não fazem parte da organização somaram um total de 61,65 milhões de barris produzidos diariamente, um aumento de 980 mil barris por dia em relação ao trimestre anterior, enquanto que os membros da OPEP totalizaram 39,18 milhões de barris por dia no 3º trimestre do ano.

O maior aliado político da organização, a Rússia, atingiu o nível recorde de produção desde a União Soviética, de forma a mais do que compensar as perdas de produção do Irã e da Venezuela, totalizando 11,48 milhões de barris por dia no 3º trimestre do ano. Em comparação com o período anterior, o país obteve crescimento na produção em 150 mil barris por dia.

Segundo a organização, a expectativa do preço do Brent é de US\$ 72 para 2019. A OPEP destaca os riscos em relação a diminuição do crescimento global para o próximo ano por conta das incertezas diante dos conflitos comerciais entre as duas maiores economias do mundo e que afeta indiretamente todos os países do globo. Um menor crescimento global gera uma menor demanda por petróleo e seus derivados, como combustíveis.

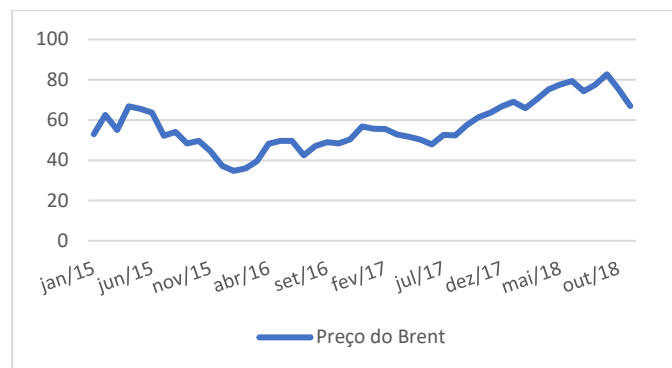
2. Preços

Em outubro, houve uma desvalorização no preço do barril de petróleo, que passou de US\$ 84,98 para US\$ 75,47, uma variação negativa de 8,76%. O preço mínimo foi observado no último dia do mês, quando o Brent estava cotado em US\$ 75,47. O preço máximo foi observado na primeira semana do mês a US\$ 86,29. Esse preço bastante elevado se deu por conta do impacto das sanções americanas ao Irã e a consequente queda das exportações do país persa. Já a queda, foi motivada por diversos fatores, dentre eles a divulgação dos estoques de petróleo norte-americanos acima da expectativa – 446,91 milhões de barris.

Além disso, de acordo com o relatório da OPEP de setembro, a produção da organização e da Rússia aumentou para um

patamar recorde – totalizando 11,0 milhões da Arábia Saudita e 11,6 milhões de barris por dia da Rússia.

Figura 1 – Preço do Brent (em USD)



Fonte: Elaboração própria a partir de dados do Broadcast+

3. Conjuntura Nacional

Das diversas questões que vêm conturbando o cenário político e econômico do país no último mês, temos três postos-chave que são: reforma previdenciária, pauta fiscal e privatizações.

Durante o período eleitoral, o presidente eleito deixou claro que em seu governo as privatizações teriam senso de urgência, gerando grandes expectativas, principalmente no setor energético (Petrobras e Eletrobrás). Porém, declarações mais recentes reduziram as expectativas do mercado.

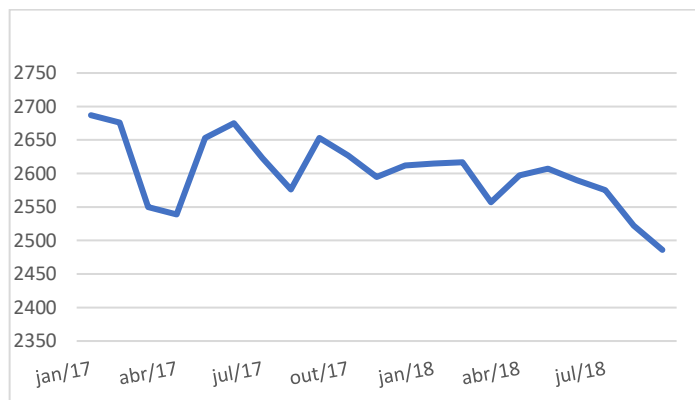
Em contraponto às incertezas no campo das privatizações, o projeto de lei da cessão onerosa, que está em tramitação no Senado Federal, tem gerado bastante otimismo no mercado. Se aprovada, a lei permitirá que se leiloe o excedente da cessão onerosa para outras operadoras. A estimativa é que a União arrecade até R\$ 130 bilhões, conforme foi pontuado pelo próprio presidente do Senado, Eunício Oliveira.

Levando em conta que o discurso do presidente eleito sempre enfatizou corte de gastos e ministérios, a aprovação do reajuste salarial do STF, tanto na Câmara dos Deputados como no Senado Federal, está trazendo questionamentos quanto a real capacidade de articulação política do novo governo para aprovação das pautas fiscais.

Sobre a reforma da previdência, tanto o futuro presidente quanto o futuro ministro da fazenda já deixaram claro que é baixa a probabilidade de avanços ainda nesse ano.

4. Produção Nacional

Figura 2 - Produção Nacional de Petróleo (em milhares de barris/dia)



Fonte: ANP – Elaboração: GOP

Segundo a Agência Nacional do Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis (ANP), no mês de setembro, a produção brasileira manteve tendência de queda, totalizando a média de **2.485.724** barris/dia e variando **-1,43%** em relação ao mês de agosto. Na comparação com o mesmo mês do ano anterior houve uma variação negativa de **-6,29%**.

1.1. Estados Produtores

Figura 3 - Variação da Produção Mensal por Estado

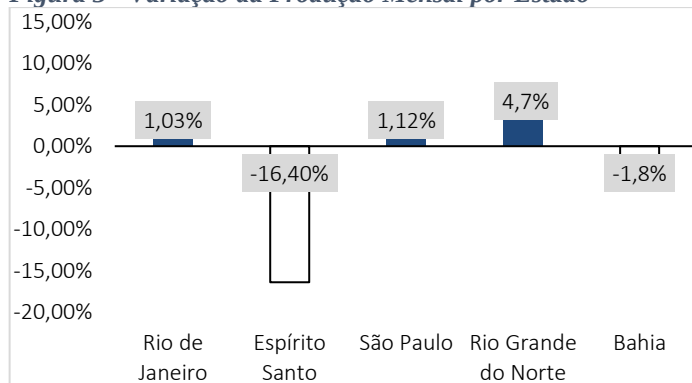


Tabela 1

Estado	Participação Nacional (%)	Produção (b/d)	Variação mensal (%)	Campos Produtores (unidades)	Variação mensal (unidades)
Rio de Janeiro	70,60%	1.754.763	1,03%	38	-3
São Paulo	13,09%	325.322	1,12%	6	1
Espírito Santo	11,80%	292.837	-16,40%	48	0
Rio Grande do Norte	1,60%	38.760	4,70%	80	-2

Bahia	1,20%	28.812	-1,80%	85	3
Total	98,20%	2.440.494	-1,40%	257	-1

Fonte: ANP – Elaboração: GOP

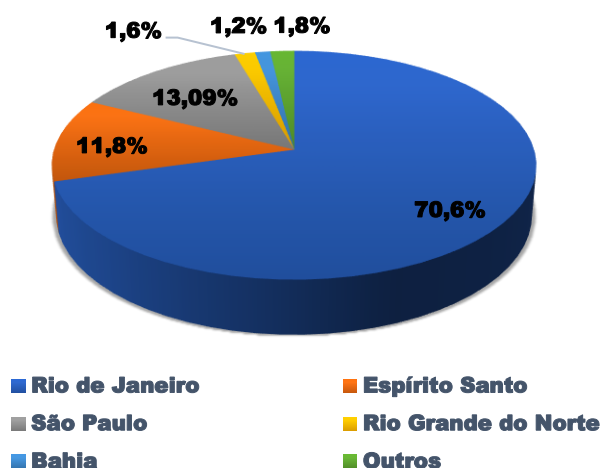
O Brasil possui 10 estados produtores de petróleo, sendo que Rio de Janeiro, Espírito Santo e São Paulo representam mais de 95% da produção nacional.

Em setembro, mesmo com perda de 3 campos produtores, o Rio de Janeiro não perdeu produtividade e recuperou parte das perdas de agosto. Fechou o mês de setembro com uma produção média de 1.754.763 barris/dia, variando +1,03% no comparativo com o mês de agosto.

Com produção de 292.837 barris/dia e variação negativa de 16,40% no comparativo mensal, o estado do Espírito Santo perdeu o posto de 2º maior produtor do Brasil para se tornar o principal responsável pela queda produtiva do país em setembro.

O estado de São Paulo teve acréscimo de 1 campo produtor nesse mês e realizou leve alta na produção de 1,12%, fechando o mês com a média de 325.322 barris/dia. Por conta dessa alta e, principalmente, pela grande queda na produção capixaba, São Paulo passou a ser o 2º maior produtor de petróleo do país.

Figura 4 - Participação Nacional por Estado



Fonte: ANP – Elaboração: GOP

Como demonstrado na Figura 6, o Rio de Janeiro é o maior produtor nacional com 70,6% da produção do país, seguido por São Paulo, Espírito Santo, Rio Grande do Norte e Bahia.

Consequentemente, o estado do Rio recebe a maior parte dos Royalties do petróleo, que, no mês de setembro, alcançou o valor de R\$ 417.643.432,53.

1.2. Bacias Produtoras

Figura 5 - Variação de Produção Mensal por Bacia

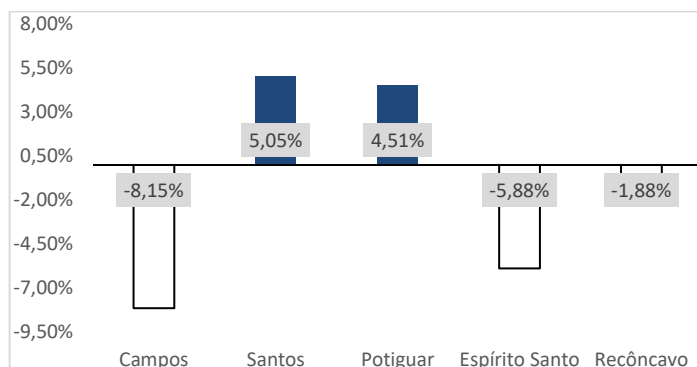


Tabela 2

Bacias	Participação Nacional (%)	Produção (b/d)	Variação mensal (%)	Campos Produtores (unidades)	Variação mensal (unidade)
Santos	51,14%	1.271.183	5,05%	12	0
Campos	43,22%	1.074.408	-8,15%	40	-2
Potiguar	1,60%	39.860	4,51%	82	-2
Recôncavo	1,14%	28.353	-1,88%	79	2
Espírito Santo	1,10%	27.331	-5,88%	40	0
Total	98%	2.441.135	-1,40%	253	-2

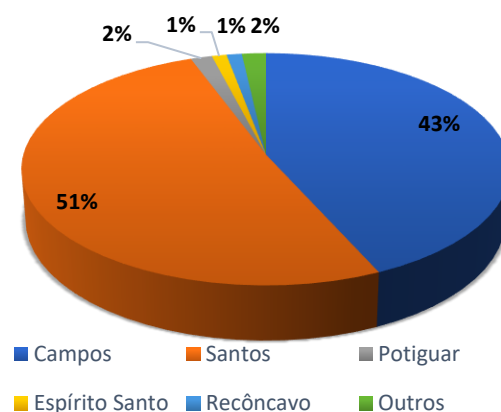
Fonte: ANP – Elaboração: GOP

O total produzido na Bacias de Santos e Campos representam mais de 94% da produção nacional, mesmo contabilizando uma diminuição de 2 poços, não perderam o protagonismo nacional.

A Tabela 2 demonstra que a Bacia de Campos foi a grande responsável da redução da produtividade em âmbito nacional. No mês de setembro, o resultado caiu 8,15% com relação a agosto e fechou o mês com a média de 1.074.408 barris/dia.

A Bacia de Santos, diferentemente, teve alta de 5,05% no comparativo com o mês de agosto e fechou o mês com uma produção média de 1.271.183 barris/dia.

Figura 6 - Participação Nacional por Bacia



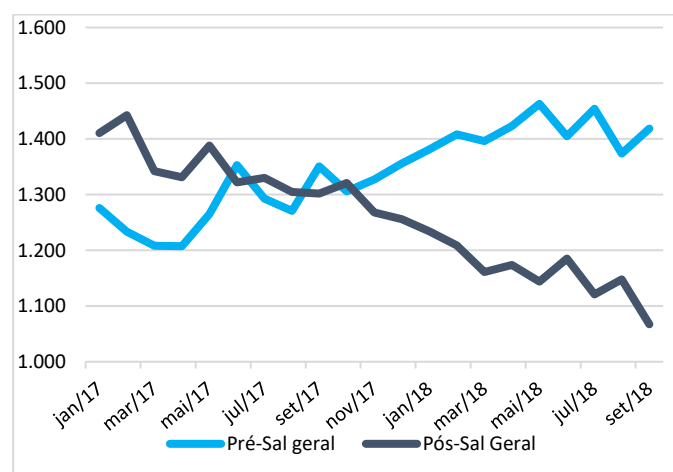
Fonte: ANP – Elaboração: GOP

Como demonstrado no Figura 9, fica evidente a importância das Bacias de Campos e Santos no total nacional que, no mês de setembro, representaram 43% e 51% da produção total do óleo no país, respectivamente.

As bacias de Potiguar, do Recôncavo e do Espírito Santo possuem a participação aproximada de 2%, 1% e 1%.

5. Pré-sal

Figura 7 – Produção de Petróleo: Pré-Sal x Pós-Sal



Fonte: ANP – Elaboração: GOP

Com variação de +3,3%, a produção de petróleo oriunda das reservas do Pré-sal fechou o mês de setembro com um total de 1.419 mil barris/dia.

Em contrapartida, a produção no Pós-sal teve uma variação negativa de 7,0% no comparativo com o mês anterior, fechando setembro com uma produção de 1.067 mil barris/dia.

Desde dezembro de 2017 que a produção petrolífera procedente do Pré-sal está compensando a queda na produção nos campos maduros do Pós-sal. No mês de setembro não foi diferente, com participação de 57,07% na produção nacional total, o Pré-sal segue como uma contrapartida à exaustão do Pós-sal.